

DR

com as mesmas roupas e recebia um tratamento idêntico. Naturalmente, trata-se de um caso completamente excecional. Não estou a sugerir que isto acontecesse com frequência.

Nas páginas do seu livro descreve as rotas das caravanas através do deserto do Saara. Essas viagens podiam ser quase tão duras e traumáticas quanto a travessia do Atlântico?
Acho que nalguns casos eram ainda piores. Isto não se trata de uma competição para ver quem foi mais cruel. Ambas as situações eram medonhas. Mas atravessar o Saara implicava enormes perigos: distâncias gigantescas, escassez de água, calor extremo e, por vezes, frio intenso, porque o deserto também pode ser gelado. Caravanas inteiras eram apanhadas por tempestades de areia e perdiam o rumo. Centenas e centenas de pessoas morreram assim. Mas, além disso, havia um elemento frequente no tráfico transaariano que não acontecia no Atlântico. Os escravos levados da África ocidental para o Norte de África, se fossem jovens, eram castrados. As taxas de mortalidade andavam algures entre 60% e 80%. É difícil imaginar algo mais horrível. No meu livro cito uma descrição de uma pessoa que assistiu a essa prática. Essa memória assombrou-a até ao fim dos seus dias. Uma coisa atroz. A septicemia, a dor, o choque e a brutalidade da castração eram horríveis. Os sobreviventes tornavam-se eunucos e eram utilizados na administração das casas, nos haréns ou na supervisão de grandes propriedades. Alguns chegavam a posições muito elevadas. Na Arábia Saudita houve eunucos que alcançaram grande poder, receberam uma educação de excelência e foram bem tratados. Mas para isso tinham de sobreviver ao processo. Quanto às taxas de mortalidade, eram acima dos 20% quando falamos da travessia do Saara.

E no Atlântico?
Exatamente a mesma coisa. Em qualquer dos casos, eram viagens absolutamente horríveis para qualquer ser humano.

Mais uma vez, os eunucos eram escravos muito valorizados.
Eram extremamente valiosos e, por isso, se sobreviviam, eram cuidadosamente tratados, porque tinham custado muito dinheiro. Há outro aspeto importante: as questões raciais envolvidas. Não sabemos o número ao certo, mas os corsários da Barbária terão capturado à volta de um milhão de escravos europeus. A maioria vinha de França, Itália, Espanha e Portugal, embora também houvesse britânicos. E as mulheres brancas eram consideradas particularmente valorizadas. Por alguma razão, as mulheres europeias despertavam um interesse especial. O mesmo é verdade para a conquista da Península Ibérica pelos mouros. Houve grandes deslocações de pessoas nos dois sentidos: algumas foram levadas de África para a Península, outras da Península Ibérica para África. E, mais uma vez, as mulheres brancas eram especialmente valorizadas.

O tráfico de escravos no Oceano Índico é um dos capítulos menos conhecidos desta história. Em termos de dimensão, pode comparar-se ao tráfico atlântico?
Na realidade, poderá ter sido ainda maior. É possível defender que mais pessoas foram transportadas pelo sistema do Oceano Índico do que através do Atlântico. Não estamos a falar de diferenças gigantescas. O número rondará os 12 milhões de pessoas, mas poderá ter sido ligeiramente superior ao do tráfico atlântico. A diferença é que esse tráfico começou séculos antes – não sabemos exatamente quando – do tráfico negreiro no século XV e prolongou-se, pelo menos, até ao século XX, se é que não continua nos dias de hoje. Ou seja, abrange um período muito mais longo.

Quando começaram as grandes viagens de navegação dos Descobrimentos, no século XV, a escravatura já existia há cerca de cinco mil anos. Apesar disso, podemos dizer que a participação europeia elevou-a a uma escala completamente diferente, correto?
Penso que é uma ideia correta. Para mim, um dos aspetos interessantes é que, quando os primeiros navios portugueses exploraram a costa africana e capturaram pequenos grupos de escravos, no regresso à Europa não despertaram grande interesse. Na altura, não havia uma utilização clara para dar a essa mão-de-obra. Foram a exploração e colonização das Caraíbas, a descoberta do ouro e a produção de açúcar que deram uma dimensão completamente diferente do fenómeno. O tráfico do Oceano Índico manteve-se durante muito mais tempo, mas com volumes anuais muito mais baixos. O tráfico atlântico, pelo contrário, registou um crescimento incrivelmente rápido, durou algum tempo, e depois decaiu até acabar por completo.

O seu livro aborda aspetos frequentemente ignorados nas discussões sobre a escravatura, como a escravatura indígena, o papel dos corsários da Barbária, dos omanis e de diversos grupos africanos no tráfico. Acha que o debate é por vezes distorcido porque se presta a servir agendas políticas contemporâneas?
Não tenho dúvidas de que isso acontece. Mas eu pergunto-me: de onde vem o atual interesse pela escravatura? Creio que surgiu quando a população afro-americana nos Estados Unidos começou a conquistar espaço nas universidades. Depois da abolição da escravatura e da superação das chamadas leis de Jim Crow, leis racistas que promoviam a segregação racial, muitos afro-americanos entraram na academia e começaram a interessar-se, e muito bem, pela sua própria história e das suas famílias. Quem eram os seus antepassados? Como se tornaram escravos? O que lhes tinha acontecido? À medida que essas pessoas ascenderam no meio académico, este tema tornou-se central. É por isso que quase toda a investigação académica sobre escravatura, cerca de 95%, segundo alguns cálculos, incide sobre o Atlântico. Existe muito menos trabalho sobre o Oceano Índico, porque em países como a Arábia ou a Índia não surgiu ainda uma população que se identificasse suficientemente com esse passado, e com presença suficiente nos meios académicos, para desenvolver esse tipo de investigação. Mas a situação está a mudar.

Considera justa a tendência para as discussões sobre a escravatura acabarem quase inevitavelmente centradas no colonialismo? Um historiador português fala mesmo da 'culpa do homem branco'.
Penso que é apenas uma fase que estamos a atravessar. Não me parece que corresponda a uma imagem rigorosa da realidade. Se é ou não justa, não me parece importante. Vejo isso sobretudo como uma reação ao facto de este tema não ter recebido no passado a atenção que merecia. Quando cresci, nas décadas de 1960 e 1970, este não era um assunto particularmente relevante. Hoje é. E isso constitui um progresso. Com o tempo ultrapassaremos esta fase e começaremos a encarar a escravatura como um fenómeno que, como referi, ocorreu em praticamente todas as sociedades. Podemos olhar para o caso da Etiópia. Segundo um dos mais reputados historiadores etíopes, existem evidências de etíopes escravizados por outros etíopes desde os primórdios da história. À medida que os estudiosos de diferentes países investigarem as suas próprias histórias, iremos conhecer estas realidades cada vez melhor. A História não é um produto estático, evolui com o tempo. As respostas dadas numa determinada época são mais tarde reavaliadas, e com toda a razão.

Disse que a escravatura aconteceu em todo o lado. Mas também sublinha que os portugueses transportaram mais escravos através do Atlântico do que qualquer outra nação, cerca de seis milhões de pessoas. Os portugueses de hoje devem ter sentimentos de culpa pelo passado?
Não me parece que a culpa seja um sentimento especialmente útil. Acho que devemos compreender e assumir o nosso passado. Há muitas coisas que a Grã-Bretanha fez na Índia das quais nenhum britânico pode sentir-se orgulhoso. Mas há outras das quais pode. O passado é o passado. Temos de viver com ele, de compreendê-lo e de interpretá-lo. Agora, sentir culpa por algo que aconteceu há séculos? Isso parece-me inútil.

Devemos fazer alguma coisa para 'emendar' esse passado?
Não podemos alterar o passado. O que

☛ PÁGINA SEGUINTE